

Acritica  
10/8/97 AS  
Sateré-Maué  
270

# Índios lutam para sobreviver em Manaus

Eles são quase 10 mil e, vivendo em condições precárias na periferia, dificilmente conseguem emprego ou ingresso na universidade

Eliezer Raposo

Discriminados, sem emprego e sem ajuda das organizações indígenas, quase 10 mil índios de várias etnias que moram em Manaus lutam para sobreviver produzindo e vendendo artesanato, trabalhando como carregadores na área do mercado Adolfo Lisboa, Centro, na construção civil ou como empregadas domésticas. Moram, em sua maioria, em favelas, em casas construídas com restos de madeira e telhas velhas, sem condições de higiene.

O coordenador geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Darcy Marubo, revela que poucos conseguem emprego na indústria ou no comércio. Segundo ele, como consequência do desemprego existe uma grande incidência de alcoolismo e prostituição entre os índios residentes na capital. Por isso, segundo Marubo, as organizações indígenas estão desenvolvendo um

trabalho para conscientizar esses índios a voltarem para suas tribos.

Na opinião do coordenador da Coiab, morando em Manaus os índios estão esquecendo suas culturas. "Muitos negam sua condição de índio para poder trabalhar", observa Darcy. A coordenadora geral da Associação das Mulheres sateré-maué, Zenilda da Silva Vilaça, 38 anos, diz que morar na capital é muito difícil e até gostaria de voltar para sua região, próxima ao rio Andirá, no município de Barreirinha. Mas, segundo ela, a situação por lá não é muito diferente de Manaus, uma vez que a produção, principalmente de farinha, é comercializada a um preço muito baixo.

Zenilda reclama da falta de incentivo para a produção e de uma política de preço mínimo, que em sua opinião poderia ser adotada pelos prefeitos. Um outro exemplo dado por ela é dos índios que trabalham com a plantação de guaraná no município de Maués, que têm que trocar sua produção por

roupas usadas ou pacotes de bolacha. Ela revela que muitas adolescentes vêm para Manaus com a promessa de trabalho em casa de família e depois de algum tempo são demitidas. Resultado: acabam se prostituindo para poder sobreviver. Zenilda diz que, além de emprego, falta escola, moradia e um programa para atendimento de saúde para os índios.

Ela mesma, apesar de coordenar a Associação das Mulheres Sateré-Maué, diz que não tem uma casa. Zenilda argumenta que durante o dia fica na casa dos filhos e dorme na casa de sua mãe, no beco Boa Esperança, no bairro da Redenção. Nessa área vivem cerca de 12 famílias de índios sateré-maué. Trata-se de uma favela formada por pequenas casas de madeira que agrupam às vezes mais de uma família. Numa dessas casas mora Zibina Ferreira, 48 anos, mãe de dez filhos. Magra e diabética, Zibina diz que gostaria de voltar para sua tribo, mas os filhos não querem sair de Manaus.



Zibina, 48 anos, tem diabetes e vive com seus dez filhos, que não querem sair de Manaus



Zenilda até pensou em voltar para a tribo, mas desistiu: faltam incentivos para a agricultura

## Associação critica atuação da Funai

A coordenadora geral da Associação das Mulheres Sateré-Maué, Zenilda da Silva Vilaça, acusa instituições como a Universidade do Amazonas (UA) e a Fundação Nacional do Índio (Funai) de usarem a população indígena para conseguir recursos para seus projetos, sem oferecer nenhum retorno para os índios. Ela conta que recentemente a Funai convocou os índios para fazer uma apresentação de danças para um consul alemão que visitava a cidade.

Zenilda diz que o dinheiro foi repassado para a Funai, mas não sobrou nada para os índios. "Quando pedimos alguma ajuda, o pessoal da Funai diz

que temos que voltar para a aldeia para que possamos ser atendidos", argumenta a coordenadora da Associação. Segundo ela, a índia Zibina Ferreira, 48 anos, que sofre de diabetes e que precisa fazer exames e ter medicamentos, deixou de receber ajuda da Funai e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

A coordenadora da Associação diz ainda que é comum estudantes da UA procurarem os índios para realizar trabalhos e até monografia de final de curso. Segundo ela, alguns estudantes de antropologia se formam usando os conhecimentos dos índios, mas não

fazem nada para que a sociedade possa compreender e aceitar os indígenas. Ela reclama também da falta de fiscalização da Funai que permite a ação dos "piratas" na área indígena. São produtores de vídeo, nacionais e estrangeiros, que chegam às aldeias prometendo equipamentos agrícolas e motores de popa em troca da permissão para gravar as danças e os costumes do povo indígena.

"Depois de conseguirem o que vieram buscar vão embora e esquecem das promessas", observa Zenilda. "É nossa cultura, um segredo nosso, que eles levam em troca de algum alimento. É um preço injusto".

## Estudante diz que existe discriminação

Coordenador financeiro do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam), Carlos Vanano, aponta a discriminação como o principal fator para que a população indígena viva no abandono e na pobreza quase absoluta em Manaus. "Nas entrevistas para emprego as pessoas sempre observam nosso aspecto físico e nosso sotaque", argumenta. Ele diz que as escolas no interior do estado não explicam que os índios vão ter que estudar para se defender na capital, ou que tenham

que produzir para se sustentar.

"É um grande desafio morar em Manaus", analisa Carlos. Sem estudo nem experiência de trabalho, os índios acabam engrossando a fila dos desempregados e passando por dificuldades. Ele revela que dos 30 estudantes ligados ao movimento, apenas cinco têm o segundo grau. Carlos explica que mesmo para esses estudantes com segundo grau é muito encontrar emprego.

"Não tem nenhum índio na Universidade em nome do povo indígena,

isso é muito triste", considera Carlos. Para ele, passar no vestibular é difícil até para os não-índios que estudam em escolas particulares, "quanto mais para os índios, que têm que enfrentar a discriminação nas escolas públicas". Em sua opinião, se o ensino público fosse mais eficiente não haveria maiores dificuldades para qualquer estudante passar no vestibular. "Mas nós fazemos parte da população mais pobre da cidade, como pensar em Universidade?", questiona Carlos.